

A Fundação do JT

Bruna Bondança Burri e Melissa Marin de Castro (TCC – Cásper Líbero, 2006)

“O Júlio tinha o *Estadão*, o Carlão, a rádio *Eldorado* e a *Edição de Esportes*. Precisava arranjar alguma coisa para o Ruy fazer. Afinal, ele também é filho de Deus. E era mesmo, porque nós chamávamos o dr. Júlio de Deus.” Para o jornalista Carlos Brickmann, a decisão de criar uma edição vespertina do Grupo Estado era fruto de uma preocupação que o dr. Júlio tinha com a sucessão de seu cargo como diretor do *Estadão*. “Meu pai nunca explicou por que ele quis criar outro jornal. Mas com certeza era porque ele queria evitar o conflito entre os filhos. Como o Júlio era o primogênito, a direção do *Estadão* já estava reservada para ele. Não se questionava quem tinha mais preparo para tal, porque a sucessão estava ligada ao primeiro filho”, explica Ruy Mesquita. O *Jornal da Tarde* foi criado para dar ao filho do meio um veículo de comunicação. Ruy, que trabalhava no *Estadão* desde 1948 na editoria de Internacional, recebeu do pai, em 1965, a notícia de que seria o responsável pela criação do jornal vespertino do grupo. Participaram dessa reunião os filhos de Francisco, Luís e José, que trabalhavam com o pai na área administrativa da empresa, Júlio de Mesquita Filho, e seus filhos Júlio, o neto, Luiz Carlos e Ruy Mesquita.

O objetivo era que o novo veículo conseguisse conquistar um público mais jovem e feminino. Ruy Mesquita aceitou o desafio e convidou Mino Carta para dar continuidade ao trabalho que ele já realizava na *Edição de Esportes*. Mino trouxe com ele alguns jornalistas. Começou-se então a pensar no novo jornal do grupo.

(...)

Havia a idéia de chamar o vespertino de *Edição da Tarde* e abaixo, com tipologia menor, “De *O Estado de S. Paulo*”, mas Ruy optou por *Jornal da Tarde*. A equipe teve certeza de que o nome era o mais apropriado quando recebeu de uma agência o título impresso com diversas tipologias diferentes para serem escolhidas. Mino Carta só percebeu que era adequado quando viu a prova de tipologia em suas mãos. Aquele nome, o definitivo, era o mais óbvio possível, mas passava a informação correta e de maneira clara. Afinal, o jornal estava previsto para circular à tarde mesmo.

(...)

A época ajudou na construção da identidade do jornal. O espírito revolucionário e perturbador da juventude da década de 1960 foi uma das características essenciais na revolução que o *Jornal da Tarde* provocou no tradicional *O Estado de S. Paulo*, nos leitores e na história da imprensa do Brasil.

A sociedade daqueles anos vivia o sonho de prosperidade do pós-guerra. Depois do ataque a Hiroshima, do fim da Segunda Guerra, da crise mundial e da divisão do mundo em duas grandes potências – Estados Unidos, e União Soviética –, a sociedade assistiu a um rápido crescimento tecnológico e econômico. Em face de valores como o amor, a liberdade, a justiça e a fraternidade, surgia uma nova sociedade de consumo que estabelecia seus próprios valores.

A juventude começou a se engajar em diversos movimentos. Uma parcela, adepta da onda de consumismo, se rendia à moda das minissaías, das gomas de mascar, dos topetes no cabelo e gritava por sexo, drogas e muito rock’-n’-roll. Do outro lado, havia jovens que detestavam tanto o superficialismo como a sociedade, da qual pretendiam se afastar cada vez mais. Negavam a religião, buscavam alternativas no misticismo oriental e fizeram nascer o movimento *hippie*.

(...)

A imprensa também passava por mudanças significativas. Nos Estados Unidos, teve lugar a criação de um novo gênero jornalístico, o *New Journalism*. No âmbito nacional, a reforma do *Jornal do Brasil*, iniciada em 1956 – e consolidada nos primeiros anos da década de 1960 – implantava o jornalismo moderno no País.

O lançamento do *Jornal da Tarde*, em 1966, somou-se ao turbilhão de acontecimentos culturais, políticos e sociais que invadiram o mundo e o Brasil. Os textos do vespertino traduziam o espírito da década de 1960 com irreverência e mediante a aproximação com temas de interesse geral. Inovou e não teve medo de investir na ousadia. “Você tinha uma geração que não queria ler o ‘cansativo’ *Estadão*”, lembra Tão Gomes Pinto. Por ser um jornal feito por jovens, para jovens, com pretensões editoriais jamais vistas em periódicos brasileiros, o filho mais novo do Grupo Estado chegava às bancas paulistanas para causar impacto, como todos os outros grandes acontecimentos da década.

“Havia um vago modelo, o vespertino *France Soir*, do qual nos aproximávamos em algumas reuniões de pautas e do qual nos afastávamos a cada número 0 – porque não era bem aquilo”, conta Ivan Angelo. Havia também o jornalismo italiano, trazido por Mino Carta, e os modelos dos jornais e revistas norte-americanos de Murilo Felisberto. Aquela fusão de idéias, pessoas e pensamentos, aliada aos textos e às novas concepções de jornalismo, fez com que o *Jornal da Tarde* conseguisse a inovação editorial e gráfica pretendida.

Mino trouxe para a redação o espírito crítico, o engajamento político, a experiência adquirida em Turim, no jornal *La Gazzetta del Popolo*, e o jornalismo de revista que aplicou na criação da *Quatro Rodas*, da Editora Abril. Murilo, as técnicas editoriais e gráficas utilizadas por duas grandes revistas norte-americanas, *Esquire* e *The New Yorker*. O mineiro queria somar às influências italianas de Mino Carta o *New Journalism* americano.

(...)

Os jornalistas que participaram da fundação do *Jornal da Tarde* afirmam que o vespertino provocou uma revolução na imprensa brasileira. Sobre isso, comenta o jornalista Fernando Mítre, hoje Diretor de jornalismo da Rede Bandeirantes de Televisão: “Se estivermos nos referindo a uma quebra de estrutura, o *Jornal da Tarde* foi sim uma grande revolução, pois mudou o modo de editar dos jornais e abriu um novo caminho na imprensa brasileira”.